



REEDUCANDO MASCULINIDADES A PARTIR DE UMA DISCUSSÃO DE GÊNEROS E SEXUALDADES NÃO- BINÁRIAS

Caleb Gabriela J. da Silva – Graduada do Curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Valdicley Eufrausino da Silva – Docente do Curso de Ciências da Religião da UERN

Contatos: calebsilva392@gmail.com; [valdicley bambucha@yahoo.com](mailto:valdicley_bambucha@yahoo.com);

Introdução

- Apesar da decisão coletiva e impositiva dos conservadores e fundamentalistas de que as performatividades de gêneros e sexualidades que destoam da heterocisnormatividade, falocêntrica e branca, fazem parte somente do contexto da atualidade histórica, com base em pesquisas bibliográficas conseguimos encontrar registros históricos de que tais performatividades são tão antigas quanto a própria humanidade.

Práticas sexuais na antiguidade

- Na Grécia antiga era possível, e permitido, que homens livres tivessem relações sexuais com outros homens. Em Roma, também não se fazia oposição a essas práticas sexuais. Contudo, isso não significava que era livre de preconceitos. Existiam regras que, na teoria, deveriam ser seguidas para que tais práticas sexuais fossem aceitas e bem-vistas pela sociedade da época. Na Grécia era permitido, desde que a relação fosse entre um adolescente e um homem adulto, por exemplo (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016).

Sobre a virilidade masculina

- Além disso, era partilhada a ideia de que o ato de fazer sexo anal – passivo – formaria a virilidade necessária a um *homem*, enquanto ao adulto presente, era incumbido o papel de ativo da relação. Em Roma, compartilhavam-se ideias semelhantes. Fazer sexo anal, seja de forma passiva, seja de forma ativa, era algo necessário para formação de *homens viris* capazes de lutar e comandar a sociedade. Nos dois casos existiam algo que não poderia, de forma alguma acontecer: a mariconização dos *homens*, ou seja, ser afeminado, delicado. O homem não poderia ser uma *bicha* (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009; VIDARTE, 2019).

Reeducação sexual nas escolas

- Essas formas de masculinidades violentas repulsa a tudo que poderia ser associado ao feminino é compulsória, estão presentes na construção da sociedade atual e conseqüentemente no âmbito da educação formal por meio da homofobia, transfobia e lesbofobia (PASSOS, 2022).

Considerações finais

- Diante do trabalho exposto, entendemos que, historicamente, as práticas sexuais homoafetivas fazem parte do cotidiano das pessoas, assim como, o preconceito. A antiguidade é o tempo histórico destacado no nosso trabalho.
- Entendemos que a virilidade é um dos elementos de maior importância na construção da masculinidade tóxica no mundo ocidental. Um dos fatores de maior influência é a religião e sua visão impositiva sobre os comportamentos sexuais das pessoas.
- Falar sobre isso colabora para a reeducação das pessoas tendo em vista que as performatividades sexuais entre pessoas do mesmo gênero não se reduz ao homens. Mulheres possuem práticas sexuais entre si, assim como pessoas que se denominam transsexuais, também possuem práticas sexuais não normativas.

Referências bibliográficas

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: (Orgs.) HIRATA, Helena et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 101-106.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das travestilidades**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. Trad. Maria Selenir Nunes dos Santos. São Paulo: N-1 edições, 2019.